

Amadeo  
de Souza  
Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE AMARANTE

com a colaboração do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian

# JORNAL da EXPOSIÇÃO

## NOTA DE ABERTURA

**S**e nobreza obriga, réu de eterna condenação seria o autarca responsável, no caso presente o presidente da Câmara Municipal de Amarante, se não pronunciasse algumas palavras que exprimissem certas ideias, creio que mui oportunas, na comemoração do centenário do nascimento de Amadeo de Souza Cardoso, nado no vale de Travanca deste concelho.

Como em matéria desconhecida, é estulticia lavra descabida, simples, rude e transparente serei, focando apenas alguns aspectos que a dignidade da pessoa merece e actos que enobreceram esta data histórica não só para Amarante, como para o País.

Assim e acima de qualquer outra consideração quero (queremos porque fui acompanhado por verdadeiros amigos de Amarante na iniciativa efectuada) agradecer, enaltecer e proclamar universalmente a gentileza, a lhaneza, o encanto irónico, a simplicidade, a magnanimidade, o amor conjugal, a lucidez (não se chama ela Lúcia), o verdadeiro patriotismo e são altruísmo cultural da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Lúcia de Souza Cardoso, ao ceder religiosamente 12 quadros e 3 desenhos ao Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso. O mérito a quem o merece. Pela parte da Câmara, o nosso eterno obrigado. Por parte do estado limitamo-nos a alertar para o facto e outras mui nobres atitudes por D. Lúcia tomadas que são a expressão da mulher-esposa, da mulher-mãe em relação à pátria do seu marido, da mulher-cultura.

E agora poderia transcrever uma passagem de um dos discursos do nosso grande orador-filósofo, amarantino também, António Cândido: «Creio finalmente que a terra onde nasci, esta adorada pátria nossa, que tão grandes cousas fez, este Portugal, a que a humana civilização é devedora do que a raras nações do mundo deve, se a qualquer deve tanto...» tem pleno cabimento com e na obra de Amadeo.

Manifestação fenoménica do espírito no seu desenvolvimento eterno e dialéctico ideia-natureza, realizou-se no tempo e no espaço, atributos intrínsecos do devir uno e livre, através da Arte, uma das formas de expressão daquela. Creio (também como António Cândido) que a arte e a transfiguração, na mais luminosa esfera de ideias, sentimentos e realidades da vida, continua assim, por obra e graça do homem, a inenarrável maravilha da criação inicial.

No tempo o dinamismo da natureza abandonou-o precocemente, permitindo-lhe na alma um elan tão fortemente vincado, como forma de desalienação, que o perpetuou na intemporalidade da infinitude do espírito, onde a liberdade da criação, o unificou na eternidade da manifestação do logos, através das suas obras.

Se sabemos exaltar os vivos, se a virtude o recomenda ou a vitória os engrandece, saibamos também que os mortos ilustres não descem à sombra ou não lá jazem por muito tempo, sem que a nossa homenagem lhes erga no devido relevo, o nome ou a sua memória.

Aí espaço e tempo, natureza e espírito confundem-se eternamente.

Joaquim José Macedo Teixeira

Presidente da Câmara Municipal de Amarante

## EDITORIAL

### AMADEO: DO RITUAL DA MEMÓRIA AO ACTO CÍVICO

**C**omemorar é por definição um ritual da memória ou das memórias.

Lembrar Amadeo, em Amarante, no ano do centenário do seu nascimento, traz-nos a desejada paz de alguma consciência. A de o sabermos ter mostrado, já desde 52, com audácia e pudor, em sala própria, no Museu de Amarante, por generosidade de seu sobrinho Armando José de Sousa Cardoso, ou de o termos festejado em 68, com outro entendimento, na presença de D. Lúcia de Souza Cardoso e Almada Negreiros. Quero dizer, com a paixão de quem, sem cálculo, amorosamente lhe guardou a obra ou, com fidelidade, alimentou o mito e a história de Amadeo.

20 anos depois, Amadeo é exposto na quase totalidade da sua obra, na visão global dos percursos, «de desdém em desdém», laté da mediocridade), ao ritmo das várias poéticas onde subjazem as raízes de uma cultura e antropologia locais, os ecos de Paris e da grande pintura internacional que conheceu ou premonitoriamente realizou.

A Exposição agora inaugurada no *Museu Amadeo de Souza-Cardoso*, na dupla homenagem que um novo espaço institui, só é possível pelas doações de D. Lúcia de Souza Cardoso, viúva do Artista, pela acção oportuna e inteligente da Fundação Calouste Gulbenkian e pelo acompanhamento da Câmara Municipal de Amarante.

Desejável será que ela gere o debate crítico, provoque consensos de exigência e rigor do que deve ser o *Museu Amadeo de Souza-Cardoso* e a sua vocação e ajude à definição e instauração da *Biblioteca Municipal Albano Sardoeira*, ainda com a mesma exigência.

Com dois pólos culturais, nos espaços de uma arquitectura em diálogo, Amarante deverá ser um local de referência da Cultura Portuguesa. Esta Exposição é pois um dos actos cívicos da responsabilidade de sermos amarantinos.

Amarante, 1 de Novembro de 1987

António Cardoso



# FotoBiografia

## 1887



Casa onde viveu e nasceu Amadeo, em Manhufe (Vila Meã), Amarante.

Nasce Amadeo Ferreira de Souza-Cardoso a 14 de Novembro, em Manhufe, freguesia de Mancelos, concelho de Amarante, filho de José Emygdio de Souza-Cardoso, grande proprietário rural, e de Emília Cândida Ferreira Cardoso.

A sua infância decorre no seio de uma família numerosa, entre a quinta de Manhufe e a praia de Espinho, onde passa o Verão.

Seu tio materno, Francisco José Lopes Ferreira Cardoso, o «tio Chico», vivendo nas imediações da quinta, protege-lhe desde muito cedo os gostos e as ambições.

Desenvolve uma grande amizade com Manuel Laranjeira, médico no Porto, com quem se encontra todos os Verões em Espinho, e que o põe em contacto com o futuro grupo da Renascença Portuguesa.



Amadeo em criança, em Manhufe.

Envelope de carta de Amadeo para Teixeira de Pascoaes.



Francisco José Lopes Ferreira Cardoso, o «tio Chico», num retrato feito por António Carneiro.

## 1905

Fotografia de Manuel Laranjeira, com dedicatória a Amadeo, 1 de Dezembro de 1906.



Vem para Lisboa frequentar a Academia de Belas-Artes (com o n.º 9 de matrícula) com intenção de seguir o curso de Arquitectura.

Inicia uma aprendizagem de desenhador e caricaturista, apoiado por Manuel Laranjeira, com quem estabelece uma intensa correspondência, que irá manter até 1910.

[...] Você verá o que é pensar com lógica — e sentir sem lógica: verá que o meu mal não é pensar demais: é sentir demais: são os conflitos da razão e do sentimento. Quando o sentimento diz: a tua felicidade está aí; vê-la? — a razão responde: vejo; mas vejo também que só seria felicidade em *dadas* condições. E se o sentimento exclama: mas assim é impossível obtê-la! — a razão responde glacialmente: exactamente! — é impossível: desiste, pois.

O sentimento desiste. Sofre, sofre, mas desiste. Veja lá você se o Lopes era capaz de meter-se nestas tragédias transcendentais. Os únicos dramas do Lopes são os seus insofribéis joanetes, e alguma dor de barriga. Vá você dispendo o espírito para *terrível passo* em que terá de ler-me alguma carta imensa como a fortuna do Lopes. Eu abraço afectuosamente e subscrevo-me.

P.S. — Esteve aqui o padre Almas. Viu os *bichos* que você desenhou. O que êle riu com aquêle rir expansivo de beirão alegre e forte! E como êle gritava e o queria ver ali a você naquela ocasião para o beijar de entusiasmo. Havia de ver!

Hei-de fazer conferências de biologia, mas só lá para Janeiro. Estou elaborando o programa que tem de ser distribuído na ocasião das conferências. Por êle verá (eu enviar-lho-ei) que eu ainda tenho um ideal na vida para proclamar aos outros. Quem tiver ouvidos, que ouça...

A biologia, caro amigo, é o evangelho dos homens de hoje. Verá.

Espinho, 10 de Dezembro de 1905.

Abraça-o o todo seu  
Manuel Laranjeira

Carta de Manuel Laranjeira para Amadeo, Espinho, 10 de Dezembro de 1905 (excerto).

## 1906



Casa onde viveu Amadeo de Souza-Cardoso, no Boulevard du Montparnasse (1906-1907).

26 de Junho — exame de Desenho Linear Geométrico, aprovado com 11 valores.

30 de Junho — exame de Desenho de Ornato por Estampa, aprovado com 13 valores.

28 de Julho — exame de Desenho de Figura por Estampa, aprovado com 18 valores.

Parte a 14 de Novembro para Paris, no dia em que completa 19 anos, na companhia de Francisco Smith.

Ao mesmo tempo chegam a Paris Juan Gris, Modigliani e Severini.

Instala-se no Boulevard de Montparnasse.

Frequenta *ateliers* de preparação no Boulevard Raspail, para o concurso à Escola de Belas-Artes, com objectivo de cursar Arquitectura.

Picasso começa a pintar *Les Demoiselles d'Avignon*.



Amadeo, 1906.

(...) A caricatura do sofrimento também existe. Ora eu, como toda a gente, também hei-de ter o mau lado grotesco, e talvez até mais grotesco do que eu suponho. [...] Diz-me V. que, quando vê o meu retrato, tem a impressão de estar vendo «uma criatura que dolorosamente se estorce dentro de si mesma». [...]

Carta de Manuel Laranjeira para Amadeo, 24 de Abril de 1906 (excerto).



Caricatura de Manuel Laranjeira, por Amadeo, 1906.

## 1907

Estuda arquitectura, frequentando os *ateliers* de Godefroy e de Freynet, mas acaba por desistir do curso, mais interessado em desenvolver uma actividade de desenhador e caricaturista, permanecendo atento aos modelos da imprensa parisiense.

A 6 de Janeiro de 1907 é oferecido um almoço a A. de Sousa no Restaurante Daumesnil, no Quartier Latin; A.S.C. desenha a ementa, onde faz as caricaturas de todos os participantes, que dias depois virá a ser publicada no *Primeiro de Janeiro*.



Fotografia no apartamento de Amadeo, no Boulevard de Montparnasse, Paris, 1907. Da direita para a esquerda: Arq.º Afonso Ferraz, Amadeo, Manuel Bentes e Emmerico Nunes.

Convive com artistas e médicos portugueses residentes em Paris.

Em Junho habita o 33 da Rue Denfert-Rochereau, à beira de Montparnasse, onde começa a dedicar-se à pintura.

No Outono faz uma viagem à Bretanha com Eduardo Viana, onde realiza uma aguarela dedicada a Manuel Bentes.



Casa onde viveu Amadeo, Rue Henri Barbusse (ex-Rue Denfert-Rochereau), Paris, 1907.

# 1908

Amadeo no atelier da Cité Falguière, 14 (1908-1909).



Aluga o estúdio n.º 21, no 14, Cité Falguière, que se torna um dos principais centros de reunião dos artistas portugueses. Aqui se encontram frequentemente, para tertúlias e boémias, Manuel Bentes, Emmérico Nunes, Eduardo Viana, Domingos Rebelo, Francisco Smith e o arquitecto Alberto Ferraz, entre outros.

Conhece Lucia Pecetto.

Deixa o estúdio a José Pacheko.

Exposição de telas de Braque, recusadas no Salon, na Galeria da Rue Vignon.

Exposição de obras de El Greco no Salon d'Automne.

«[...] O atelier de Amadeo de Sousa Cardoso, no 14 Cité Falguière, que era de todos nós o que vivia com maior abundância, pois era filho de uma rica família de Amarante [...] tornou-se um centro de reunião. Iam lá todas as noites o Manuel Bentes, o Ferraz, o arquitecto Collin, o Emmérico Nunes e eu. Muito raramente o Eduardo Viana.

Com a preocupação de darem a essas reuniões um certo nível intelectual e artístico, foi acordado promover uma dissertação semanal a propósito de um assunto estranho. Sousa Cardoso ao escolher um tema decidiu falar sobre: "A simplificação decorativa dos hieróglifos e a sua influência na arte moderna"; Manuel Bentes ocupou-se de "Manifestação da neura na obra do pintor insatisfeito"; Collin elaborou um estudo a respeito da sua preocupação máxima: "Conseguir dar a ilusão na pintura de uma terceira dimensão — a profundidade". E Emmérico Nunes, que andava, então, interessado no estudo dos trogloditas, perorou sobre "A época quaternária"... Éramos audaciosos e divertidos. Como isso vai longe...»

Entrevista a Domingos Rebelo (excerto), in «O Século», 20 de Outubro de 1970.

# 1909

Instala-se num estúdio contíguo ao de Gertrude Stein, 27, Rue de Fleurus.

Frequenta a Academia Viti, do pintor espanhol Anglada Camarasa.

Chega a Paris Santa-Rita Pintor, como bolseiro.

Conhece Modigliani.

Maio — Ballets Russes, de Diaghilev, no Teatro Chatelet.

Primeiro manifesto futurista de Marinetti, publicado no Figaro, a 20 de Fevereiro.

Atelier de Amadeo, 27, Rue de Fleurus, Paris, 6ème, 1909. À direita: pavilhão onde habitava Gertrude Stein.



Meu querido tio

É vergonhoso o meu silencio — perdoe. Quizera escrever-lhe muito se não fora certa enfermidade de horror à tinta que às vezes se me pega.

Hoje levantei-me e encontrei cá fora uma alliviada manhan de sol. Respirei um ar azul que me desentorpeceu os nervos. Há um mez que o ceu está pardo, sujo, asphixiante, e Paris é um charco imundo. Enfim, uma atmosfera de exilio para quem nasceu á luz dum claro sol.

Se não fora o ambiente de espirito, aqui mais claro que em todos os paizes de luz, Paris seria bom para condemnados.

Chegaram-me hoje noticias alegres de Manhufe: que os doentes passam muito melhor e que meu Pae anda rijo, entretido com plantações.

Há um mez passado, recebi uma carta delle dizendo-me que me dedicasse livremente á caricatura. Lembro-me que esta resolução fora bastante influida por si. Agradeço-lhe muito. Trabalho agora na Academia Viti, é meu professor o Anglada, pintor espanhol muito conhecido.

Sabe, este rapaz Bentes partiu definitivamente para Portugal. Com certeza irá visitá-lo. Ficaram-me muitas saudades, é uma creatura de raro coração. O Antonio Carneiro está aqui com a mulher. Visitei-o há dias e fallamos de Arte. Disse-me que o retrato do meu Pae não ficou mal. Perguntei-lhe pelo Laranjeira, que há muito me não escreve. É pena ter tantas faculdades num circulo tão esteril. São horas de almoço, digo-lhe adeus e abraço-o fortemente.

Seu sobrinho e amigo do coração

Amadeo

Carta de Amadeo ao tio Francisco, Paris, 1909.



Anglada Camarasa, 1909.

# 1910

Manifesta um grande entusiasmo pela pintura dos primitivos.

Estada de três meses em Bruxelas.

Última carta conhecida de Manuel Laranjeira para A.S.C.

Confessa um absoluto desacordo com os seus compatriotas que «marcham numa rotina atrasada».

Liga-se de amizade a Amadeo Modigliani.

Manifesto dos pintores futuristas, no dia 8 de Março, no Teatro Chiarella de Turim.

Meu querido tio

Estranhei a sua carta pela maneira como me compreendeu, ou eu mal me exprimi. A minha vida não é nada de contemplação, ao contrario tudo o que há de mais real, mais de facto. Nem eu sou um temperamento contemplativo, essa idade passou quando ia pelo Colyseu ouvir a Tosca. Não, isso permite-se n'uma outra idade, e se acaso não passa, é um sinal incontestavel de inferioridade. Agora a minha idade é outra — resolver problemas e marchar, subir em cultura fisica, e espiritual e artistica ao mais alto degrau, aproveitar desta vida o mais possivel, pois que tudo é passageiro, e o Ceo outrora prometido já não seduz os homens modernos. Em Arte estamos em absoluto desacordo. De resto, estou-o tambem com os amigos compatriotas que marcham numa rotina atrasada. Arte é bem outra coisa que quasi toda a gente pensa, é bem mais que muita gente julga. Tudo quanto para

aqui se faz é mediocre aparte raras coisas. Porque eu não gosto de Rodin ou Ticiano, todos me dizem que sigo um mau caminho. E porquê? Se cada um se fiasse no caminho que nos aconselham nada de mais se fazia, pois que elles, os outros, só sabem indicar-nos as suas proprias pisadas. Ha gente que chama ao meu estado uma pretensão para sair fora do vulgar — que pensem o que queiram, indifferente me é — eu tenho as minhas razões e bastam. Eu sei o que agrada em geral — eu na generalidade desagrado. Até certo ponto não é menos lisongeiro.

A technica de que falla — coisa em que nem penso. Fixar ahi a ideia é parar muito aquem do fim. Qual quer aprende. Ninguém deixa de fazer uma obra de arte intensa por falta de technica, mas por falta de outra coisa que se chama temperamento.

Enfim, para mim os taes artistas de technica acabaram. (...)

Amadeo

Carta de Amadeo para o tio Francisco (1910/1911) (excerto).



Amadeo Modigliani.



Amadeo em Bruxelas, 1910.

# 1911

Expõe seis trabalhos no XXVII Salon des Indépendants, em Paris (Abril).

Muda o seu atelier para o 3 da Rue du Colonel Combes, perto do Quai d'Orsay, onde, no Outono (?), expõe com Modigliani.

Conhece Walter Pach.

Relaciona-se com Juan Gris, Max Jacob, Sonia e Robert Delaunay, Brancusi, Archipenko, Umberto Brunelleschi, Diego de Rivera, entre outros.

Diogo de Macedo chega a Paris.

[...] Fora em 1909, que ele conhecera Modigliani, quando este surgira na Cité Falguière e se instalara num atelier, quase de porta pegada áquele onde se reuniam alguns portugueses, que lhe deram afável acolhimento. [...] Modigliani simpatizara com a ale-



Amadeo e o seu amigo Francisco Carneiro, no estúdio da Rue du Colonel Combes, Paris, 1911.

gria dos vizinhos e daí as boas relações de parte a parte, estabelecendo maiores amizades entre o italiano e Cardoso, ao ponto de no ano imediato resolverem juntar pinturas e desenhos, para armarem tenda de exposição, que se realizaria no *atelier* novo do português, sito num andar da Rua Colonel Combes, num prédio burguês, próprio para receber visitas. Combinado o encontro, cada qual afinara as obras a expôr, fizera mesmo alguma nova, cuidara das molduras e pendurara os quadros, esperando os críticos e os amadores. Fora a amostra dum pequena colecção de telas, que anos depois seriam disputadas a peso de ouro e ali não tentaram os compradores, e fora igualmente a revelação duma série de bizarros desenhos, alguns sublinhados a aguarela, que originariam uma futura publicação dum álbum do segundo parceiro da exposição, constando que um terceiro pintor estrangeiro colaborara nesta, cujo nome, nacionalidade e obra nunca foram esclarecidas, e de quem Modigliani nunca falara.

À parte alguns quadros de Modigliani, expostos anteriormente no Salon des Indépendants, pela primeira vez este artista apresentara obra a apreciar em conjunto; para Cardoso, porém, a iniciativa fora de estreia, animando-o a expôr, em 1911, no mesmo Salon. Pelas modestas condições da exposição, fora de galerias afreguezadas pelos coleccionadores e pelos críticos, fraco fora o resultado da empresa, não aliciando mercadores nem publicidade. A iniciativa não atingiu efeito além de festa particular. Todavia, para a biografia dos jovens artistas, o facto reclama registo de reportagem. No sentimento dos pintores, estas aventuras iniciais de entusiasmo romântico, quedam numa recordação de enternecimento que escondem no vão orgulho doutros triunfos. Isto aconteceu assim mesmo, simplesmente, conforme informaram os amigos convidados para a exposição.

in Diogo de Macedo, *Amadeo Modigliani e Amadeo de Souza-Cardoso*, Lisboa, Ed. Panorama, 1959.

# 1912



Amadeo no Chateau de Keriolet, Bretanha, 1912.

Publica o álbum *XX Dessins*, com prefácio de Jérôme Doucet, Paris (Agosto).

Desenha e ilustra o manuscrito de «*La Légende de Saint Julien L'Hospitalier*», de Flaubert, trazido de umas férias na Bretanha, deste ano.

Expõe no XXVIII Salon des Indépendants (três trabalhos) e no X Salon d'Automne (3 trabalhos).

É convidado por Walter Pach a participar na primeira grande exposição de arte moderna nos Estados Unidos.

Conhece Boccioni e Severini.

Suicídio de Manuel Laranjeira.

*Salon de la Section d'Or*, onde é exposto o quadro de Duchamp, *Nu descendant l'escalier*.

Exposição dos pintores futuristas italianos em Paris.



«*La Légende de St. Julien L'Hospitalier*» — página do manuscrito.

[...] Em todos os tempos uma imitação foi uma coisa banal, ao passo que uma criação, embora pequena, teve o seu pequeno interesse. Intelligente me parece aquelle que, quanto mais intensamente gosta de uma obra de arte, mais fortemente se affasta de a imitar. Cada artista, que o é, tem em si qualquer coisa de inconfundível, que só lhe pertence e a ninguém mais. Nós os novos, procuramos dentro de nós essa qualquer coisa que, se de verdade existe, ella apparecerá. [...]

Carta de Amadeo, para o tio Francisco, c. 1912 (s/d) (excerto).

# 1913

Participa no Armory Show, em Nova Iorque (oito trabalhos), exposição repetida em Chicago e Boston; três dos quadros são adquiridos pelo crítico Arthur Jerome Eddy.

No final do Verão, muda o atelier para o 20, da Rue Ernest-Cresson, em Montparnasse.

Expõe colectivamente no I Salão de Outono de Berlim (três trabalhos), organizado pela Galeria Der Sturm (Setembro); o quadro *Der Athlet* é provavelmente adquirido.

Conhece o pintor alemão Otto Freundlich.



Secção do Armory Show, Nova Iorque, 1913.



Amadeo no estúdio da Rue Ernest Cresson, Paris, 1913.



Fotografia do quadro que figurou na exposição colectiva da Galeria Der Sturm, com o título «*Der Athlet*», com montagem de Amadeo.

[...] Tenho progredido consideravelmente. Nada tem que ver a minha maneira de sentir e compreender com futuristas ou cubistas e se alguma coisa tem é a justificação precisa do contrario. Dia a dia interessa mais e estou certo que a corrente se avoluma. O futurismo é um truc charlatão sem sensibilidade nem cerebro, camelote do cubismo; o cubismo uma caligraphia mental e litteraria. A Arte tal como a sinto é um producto emotivo da natureza. A natureza fonte de vida, de sensibilidade, de cor, de profundidade, de acção mental, de poder emotivo, etc. Essa photographia não diz o que é o quadro pela ausencia de cor. É em todo o caso curiosa pelo gigantesco, por um quer que seja de architectura athletica. [...]

Carta de Amadeo para o tio Francisco, 5 de Agosto de 1913 (excerto).

# 1914

Muda-se para o 38 bis, Rue Boulard/Villa Louvat, estúdio onde se instalará posteriormente André Lhote. Algumas das suas obras são reproduzidas no livro, de Arthur Jerome Eddy, *Cubist and Post-Impressionism*, A.C.Me Clurg, LC., Março, 1914.

Possível participação em exposições em Colónia e Hamburgo.

Em Abril, envia três trabalhos ao London Salon (A.A.A.Lda), salão que não se realiza devido a guerra.

No Verão, encontra-se em Barcelona com o arquiteto António Gaudi, e visita o seu amigo, o escultor Sola, seguindo depois para Madrid.

Surpreendido pela guerra, em Espanha, regressa a Portugal, instalando-se na quinta de Manhufe.

Casamento com Lúcia Pecetto, no Porto.

Regressam a Portugal Santa-Rita, Armando Basto e José Pacheco.

Amadeo e Lúcia.



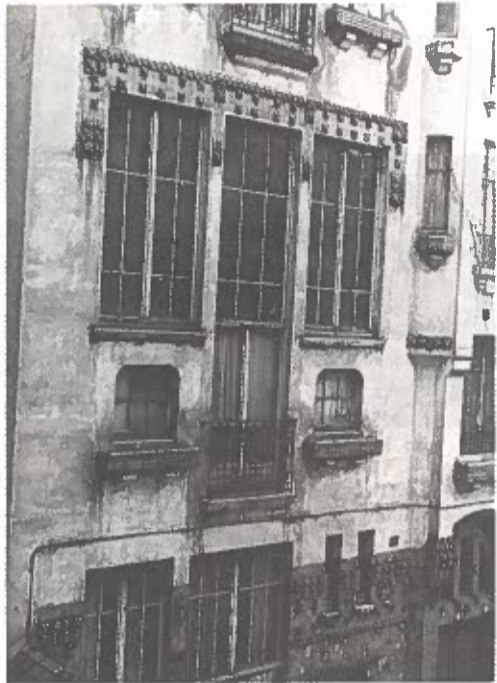
[...] Sobre coisas de arte, trabalho. E sobre isto nada tenho a dizer, porque me parece que cada vez me ignoro mais a mim mesmo. Seria felicidade suprema ignorar-se completamente, de sorte que todas as ações fossem directamente a ação do «super-omnia» que ignoramos. No fim de contas assim é, mas é também fraqueza humana responsabilizar tudo no seu pequeno ser.

Vou mandar-lhe por este correio o livro de Maurras. Queira dizer à Avózinha que muitas vezes penso n'ela e dar-lhe saudades.

Dê-me sempre notícias suas na certeza de serem particularmente estimadas, e aceite um bom abraço do seu de todo o coração

Amadeo

Carta de Amadeo ao tio Francisco, Paris, 28 de Abril de 1914 (excerto).



Última residência de Amadeo em Paris, 38 bis, Rue Boulevard/Villa Louvat, 1914.

## 1915

Continua a pintar em Manhufe, na Casa do Ribeiro — atelier — e na época de Verão, em Espinho.

Contactos frequentes e correspondência com Sonia e Robert Delaunay e Eduardo Viana, instalados em Vila do Conde; projectos comuns de exposições em Barcelona, Estocolmo e Oslo, e de uma «Corporation Nouvelle» com «expositions mouvantes», que não se chegam a concretizar (1915-1916).

Revista literária Orpheu (Abril, n.ºs 1 e 2).



Atelier de Amadeo em Manhufe (Casa do Ribeiro).

Casa «La Simultanée», onde viveram Robert e Sonia Delaunay, e também Eduardo Viana e o americano Sam Halpert, Vila do Conde (1915-1916).



Sonia e Robert Delaunay, com o seu filho Charles e Beatriz (criada), Vila do Conde, 1915.

## 1916

Continua em ligação com Sonia e Robert Delaunay. Encontros em Lisboa com Almada Negreiros e o grupo do Orpheu.

Expõe no Porto, no Salão do Jardim Passos Manuel, 114 obras, com o título Abstraccionismo (Novembro).

Repete a exposição em Lisboa, nas salas da Liga Naval, no Palácio do Calhariz. Folheto-manifesto de Almada Negreiros. Vende um quadro (Bras-serie du Mesnil) a Mário de Artagão (Dezembro).

Entrevista-manifesto, com textos de Marinetti, ao jornal O Dia (4-12).

Entrevista ao Jornal de Coimbra (21-12).

Publica o álbum 12 Reproductions, Porto, Tipografia Santos, s/d.



Salão de Festas do Jardim Passos Manuel.

Lisboa, 4 de Dezembro 1916

Meu querido tio Chico

Duas palavras á pressa. Abri hoje a exposição para convites, imprensa e socios da Liga Naval. O recinto é pequeno para o numero de trabalhos, em todo o caso cá introduzi tudo, apesar de ficarem os quadros bastante juntos, mas quiz evitar a impressão que poderia causar a magrêsa do trabalho.

Esta ultima semana andei de séca para méca com o trabalho maçador para levantar isto, enfim cá está. O seu bom amigo Polycarpo de Azevedo tem sido gentilissimo comigo, acompanhou-me á redação do Diario Nacional e apresentou-me ao Anibal Soares, também fomos ao Liberal para me apresentar ao Telles de Vasconcellos mas não está em Lisboa. Esta noite saí no Dia uma especie de entrevista comigo feita pelo João Moreira de Almeida, que tem sido de uma amabilidade a toda a prova. Espero que amanhã saia qualquer coisa no Diário Nacional, Nação, Diário de Notícias, etc.

Enfim, isto cá está e confiemos em Deus que dará a sua ajuda.

A exposição aqui é de character selecto, ao passo que a do Porto foi popular — acho que as duas se complementam.

E por hoje adeus, mil coisas carinhosas á Avosinha. Abraço-o o seu dedicado e grato

Amadeo

Carta de Amadeo, para o tio Francisco, Lisboa, 4 de Dezembro de 1916.

Entrevista de Amadeo, in «O Dia», 4-12-1916 — Fotografia do cabeçalho.



## 1917

Reprodução de três obras in Portugal Futurista.

Almada Negreiros dedica-lhe o livro K4 o Quadrado Azul.

Partem para Madrid Sonia e Robert Delaunay.

Sessão futurista no Teatro da República (14-4).

Revista Portugal Futurista (Novembro).



Amadeo, Manhufe.

## 1918

Morre, em Espinho, a 25 de Outubro, Amadeo de Souza-Cardoso, vítima da «pneumónica» ou «gripe espanhola».



Casa onde a família Souza Cardoso passava o Verão e onde morre Amadeo (em frente ao cais da estação do caminho de ferro, Avenida Otto, 66).

Maria Helena de Freitas

## PORTUGAL FUTURISTA

Santa Rita Pintor — José de Almada-Negreiros — Amadeo de Souza-Cardoso

Appollinaire  
Mario de Sá-Carneiro — Fernando Pessoa — Raul Leal — Alvaro de Campos

Blaise Cendrars.

Capa de «Portugal Futurista», Lisboa, 1917.

Capa do livro de José de Almada Negreiros «K4 O Quadrado Azul», Lisboa, 1917, dedicado a Amadeo de Souza-Cardoso.



Editado por  
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
CENTRO DE ARTE MODERNA

Projecto gráfico  
GABINETE DE DESIGN DO C.A.M.

Composto e impresso na  
AGAPÊ, Estúdio Gráfico, Lda.  
2.000 exemplares  
LISBOA, NOVEMBRO 1987

# Roteiro



Auto-Retrato, c. 1913.

Amadeo de Souza-Cardoso, cuja produção artística esta exposição mostra quase na sua totalidade, viveu entre 1887 e 1918. Neste espaço de tempo, muito breve, dividido entre Manhufe e Paris, desenvolveu um ritmo veloz e num curtíssimo período, uma actividade fértil e desconcertante, pela riqueza e multiplicidade de propostas que contém. A sua obra foi marcada pela constante pesquisa e reformulação de conceitos e práticas pictóricas. Difícil será pois, prendê-lo a qualquer ortodoxia, fixá-lo à rígida teorização de um qualquer movimento ou corrente estética. Descodificando e reconvertendo influências exteriores, Amadeo surge (ainda) hoje, em 1987, como um pintor incapaz de decepcionar quaisquer expectativas.

Inicia-se esta exposição através de um registo documental e fotográfico, com imagens da casa, da família, da paisagem, dos amigos portugueses e estrangeiros — e ainda do próprio Amadeo, nas várias etapas da sua vida.

Um grande painel cronológico, de carácter essencialmente visual, permite confrontar a evolução pictórica de Souza-Cardoso, em paralelo com a actividade de outros artistas, em Portugal e em França.

No desenvolvimento destes aspectos, apresentam-se ainda, em núcleos separados, as obras de alguns amigos, para um melhor entendimento das trocas de influências, com um especial destaque para o grupo de Vila do Conde.



1. Desenho de Arquitectura, 1907.  
2. Caricaturas, 1910.

Cursar Arquitectura, foi para Amadeo de Souza-Cardoso pretexto para a sua deslocação e estadia em Paris. Cedo abandonou este projecto, mais interessado em desenvolver um gosto pela caricatura, atitude coincidente com outros artistas da sua geração, que conciliando um traço estilizado com um exercício de humor, tentavam contrariar uma rotina naturalista. A tinta-da-china, a grafite e a aguarela foram as técnicas mais utilizadas pelo artista para ensaiar o traço e desenvolver um estilo, transformando assim a cari-

catura e o desenho humorístico, num campo de pesquisas gráficas. A exploração destes temas, que se pode observar noutra sala, igualmente dedicada ao desenho, mostra-nos outras versões, algumas mais satíricas e cruéis, como: «Quem tudo quer... tudo perde», ou «Tu pars... oui, j'ai mal au coeur».



3. «Les Faucons», c. 1912.

«Les Faucons» é um dos desenhos que integra o álbum «XX Dessins», publicado por Amadeo em 1912, onde se evidencia em cada pormenor a intenção de captar a ideia de movimento. Saudado com entusiasmo pela crítica mais atenta, o conjunto dos desenhos — algo irregular, irresistivelmente decorativo e muitas vezes sensual — regista contudo diferentes soluções formais, deixando transparecer as múltiplas influências recebidas, assim como algumas das preocupações do pintor: o preciosismo oriental («Les Mauresques»), a arte negra, influência de Brancusi através de Modigliani («Tête d'Étude»), o preenchimento obsessivo dos espaços («La Forêt Merveilleuse», ou «Le Bain des Sorcières»).

Um idêntico gosto caligráfico manifesta-se mais óbvio na ilustração do manuscrito de Gustave Flaubert, «La Légende de St. Julien L'Hospitalier». Aqui o traço cursivo da escrita alia-se ao valor formal do traço do desenho, numa rara sensibilidade ao sentido da ilustração. Amadeo recria assim um imaginário fantástico e medieval, luxuriante e aristocrático, obtendo através de uma rigorosa estilização uma síntese de valores conceptuais («Cabeça de St. Julien»).



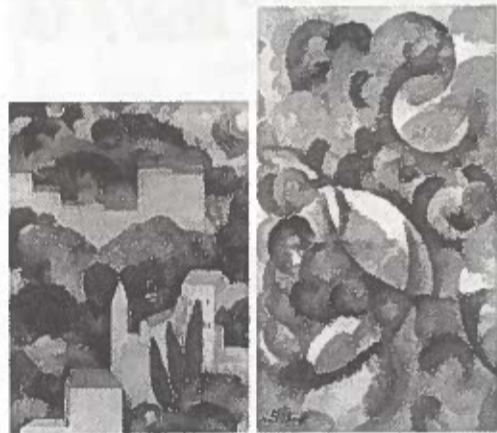
4. Pintura (Paris, Café), c. 1908.

As primeiras pinturas de Amadeo surgem hesitantes na definição de um estilo e de uma temática. Algumas cenas de exterior — marinhas, paisagens, ou aspectos da vida rural — apresentam-se incaracterísticas e, por vezes, presas a valores naturalistas. Sobressaem algumas obras de temática essencialmente urbana, que manifestam já uma homogeneidade no tratamento formal. Interiores de café, são assim mais sugeridos que representados, através de pinceladas largas e espessas, num tom uniforme e sombrio, pontuado por pequenas notas de cor. Do fundo indiferenciado destas composições, quase sempre definido por pinceladas verticais, surgem apontamentos de silhuetas, num conjunto que raras vezes se afasta de uma massa de cor algo confusa.



5. «Le Prince et la Meûte», 1912.  
6. «Os Galgos», c. 1911.

Desenvolvendo um estilo largamente adquirido por uma prática de desenho, Amadeo aplica nalguns trabalhos a óleo, um vocabulário decorativo, imediatamente referenciável com essa expressão plástica. «Le Prince et la Meûte» é um exemplo paradigmático desta situação, tal como «Os Galgos» representam, como obra acabada, a depuração desse estilo, num exercício de extremo rigor decorativo e estilístico, dando contudo maior evidência ao preenchimento do espaço através da cor. Se do desenho para a tela se podem observar transferências temáticas, também de pintura para pintura se desloca, numa pesquisa sistemática, um imaginário de formas e de figuras, de raiz lendária e medieval.

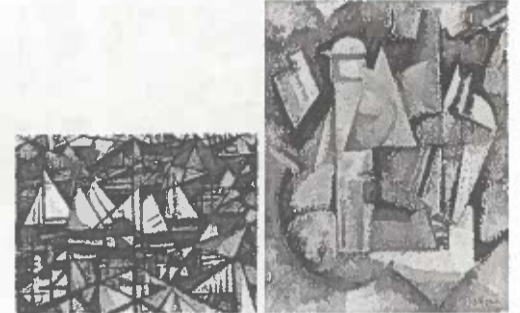


7. Paisagem, c. 1910.  
8. Quadro G, c. 1912.

Enquanto a paisagem do Norte de Portugal lhe inspirou algumas imagens de sentido popular, os arredores de Paris, serviram-lhe de modelo para outras pesquisas. Podemos observar o desenvolvimento de uma certa planificação vertical, que acentua a bidimensionalidade da pintura («Paisagem» c. 1910), assim como um jogo volumétrico no tratamento paisagístico dos relevos, possível referência a Cézanne, Braque ou Picasso. Massas de arvoredo preenchem e ritmam estas composições, pontuadas ocasionalmente pelas formas geométricas de algumas casas, evoluindo numa indiferenciação progressiva, como se essas massas densas perdessem a sua referência à realidade, para se transformarem em meras soluções formais.



9. «Cozinha da Casa de Manhufe», 1913.

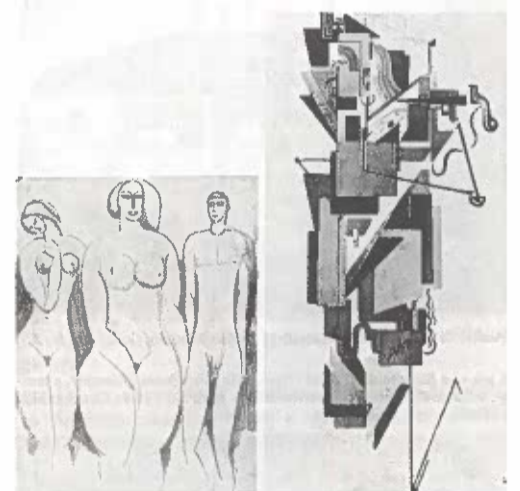


10. «Barcos», c. 1913.  
11. O Jockey, c. 1913.

«Cozinha da Casa de Manhufe» é um exemplo significativo de um interesse renovado pela estrutura das formas. «A Casa de Manhufe» e a «Casa do Ribeiro» manifestam já a tentativa de dinamizar a perspectiva pela redução da realidade a formas geométricas, mobilizando o espaço e multifacetando os objectos. Os elementos construtivos da arquitectura tornam-se assim em elementos estruturadores das próprias composições.

«Procissão Corpus Christi», combina e cruza a devoção popular com um imaginário fantástico, centralizado na rigorosa geometria do andor. Através de uma sobreposição de planos dos objectos, sugere-se a ilusão do movimento cadenciado e lento do ritual. Novas soluções espaciais evidenciam assim uma linguagem claramente cubista, mas totalmente alheia ao seu convencional imobilismo.

Nos «Barcos» a aproximação entre figura e fundo é resolvida através de uma certa cristalização dos elementos formais. No conjunto da composição, as velas destacam-se através do uso uniforme da cor branca, como triângulos entre outros triângulos, que em conjunto estilhaçam e desmultiplicam os planos. Num processo quase inverso, onde se exclui qualquer intenção narrativa, o movimento é claramente imposto através de uma concentração e desmultiplicação de planos numa só figura — centro irradiador e dinâmico de toda a composição («O Jockey»).



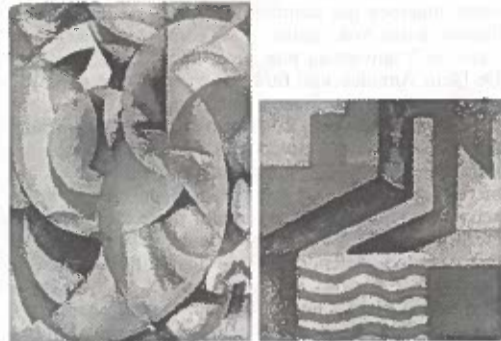
12. Desenho (três figuras nuas), c. 1910.  
14. Desenho Cubista, c. 1916.



13. Desenho Futurista (Movimento), c. 1912.

Nesta sala, se reúnem as múltiplas experiências das diferentes fases da obra de Amadeo, nela se reflectindo o ecletismo que assumem, no domínio do desenho: «Três figuras nuas» e «Nu feminino», de traço contínuo e arredondado apresentam uma volumetria de inspiração Picassiana; em contraste, sobressai a figura alongada de um «dançarino», submetido a uma triangulação expressiva na pose, e que em «Tocador de Viola» atinge uma maior e mais expressiva intencionalidade.

Os desenhos futurista (1912) e cubista (1916) são notáveis exemplos de como o desenho funcionou para este artista, como campo de pesquisa para a exploração plástica do seu entendimento destas correntes estéticas.



15. Pintura Abstracta, c. 1913.

16. Pintura, c. 1913.

Abandonando qualquer referência figurativa, Amadeo ensaia então mais livremente, uma diferente articulação formal, num desenvolvimento pessoal da sua trajectória cubista.

Associando linha e cor, na captura e aperfeiçoamento de valores cromáticos e luminosos, joga com as formas puras num sábio encadear de elementos geométricos; triângulos, rectângulos e formas circulares contrastam-se ou sobrepõem-se em efeitos decorativos e ritmados, sem outra finalidade que eles próprios.

Em pleno domínio da abstracção, «Pintura» (c. 1913), representa a livre fruição das formas e das cores, como que capitalizando os recursos próprios da pintura.



17. Pintura (Desdobramento-Intersecção), 1914

Um conjunto homogêneo de telas surpreende-nos pela súbita retomada de elementos figurativos — talvez não alheia a uma problemática contemporânea que Apollinaire logo saudou no Salon des Indépendants de 1913 — e pelo uso sistemático de uma técnica pontilista que já havia ocasionalmente ensaiado.

Uma forte imposição de formas é conseguida através do efeito uniformizador desta técnica, acentuando a interdependência de todos os valores formais, e problematizando de novo a relação figura/fundo.

Enquanto este núcleo é essencialmente marcado por valores arquitectónicos, outras explorações em idêntico sentido se realizam tendo como pretexto, quase sempre, instrumentos de cordas.

Aqui se nos depara um novo conjunto, unificado pela exploração sistemática de um novo tema, mas de grande diversidade técnica.

Surgem assim composições que combinam superfícies lisas com outras de grande riqueza de texturas. A temática que parece esgotar-se renova-se com a introdução de outras séries de elementos visuais que, em núcleos posteriores e num jogo de linguagens adquiridas, reorganizarão outros espaços.



19. «Crime Abismo Azul, Remorso Físico», c. 1915.

20. «Luto Cabeça Boqui aberta», 1914-1915.



21. «Oceano Vermelho/Azul/(Continuidades Simbólicas)/Rouge Bleu Vert», c. 1915.

Contrariando o rigor atingido em experiências mais recentes, Amadeo envereda por uma experimentação mais livre nos domínios da cor e das texturas, ao mesmo tempo que desloca as suas referências temáticas, numa diversidade surpreendente de paisagens, máscaras, ou cenas «de género».

Alguma influência do expressionismo germânico poderá ser explicativa deste processo, já que Amadeo manifesta uma regular atenção aos acontecimentos artísticos deste país.

Novas soluções plásticas surgem assim, através de uma pincelada firme e espessa, criando por vezes empastamentos e texturas em contraste com zonas de cor lisa. Grandes massas arbóreas evidenciam uma violência expressiva, assim como inesperadas figurações humanas que em «Crime Abismo Azul, Remorso Físico» — e sobretudo nos seus desenhos preparatórios — atingem uma exaltação singular.

Esgotadas as etapas de filiação cubista, Amadeo lança-se numa aventura romântica, não esquecendo contudo uma aprendizagem formal adquirida.

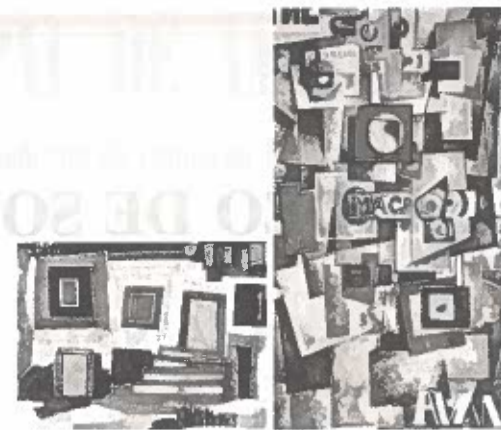
A série das «Máscaras» de algum modo recorda essa experiência, apontando para a transfiguração expressiva desses valores. Nesta série pode observar-se o modo como Amadeo se apropria de um código formal de outros artistas, transformando os discos órficos dos Delaunay em soluções estranhas a qualquer intencionalidade cromática ou luminica.



22. «Trou de la Serrure — Parto da Viola Bon Ménage — Fraise Avant Garde», c. 1916

Regressado de Paris em 1914 Amadeo não esquece as influências recebidas, mas o seu convívio com os Delaunay e o re-estabelecimento do contacto com Portugal levam-no à criação de um novo imaginário. Objectos múltiplos de raiz popular como peças de cerâmica ou bonecas aliam-se a um gosto por formas arquitectónicas, (des)organizando um universo denso de formas, luz e cor.

«Trou de la Serrure» é o quadro síntese de todo um somatório de valores, acumulando de forma anárquica todos os elementos desse imaginário, numa reconversão pessoal de códigos alheios.

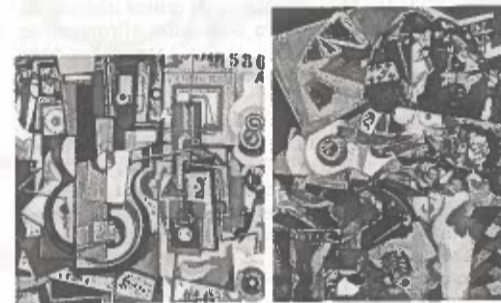


23. «A Casita Clara-Paisagem», c. 1916.

24. «A Ascensão do Quadrado Verde e a Mulher do Violino», c. 1916.

No retomar sistemático de pesquisas por concluir, Amadeo não oferece uma linha de evolução contínua. A sequência de janelas e de casas, de alvos, de violas, são exemplos de como o pintor se interessa em simultâneo por exercícios abstractizantes de temáticas figurativas, ou pela exploração do inverso, tentando encontrar novos e diferentes cromatismos e texturas que se adaptem às diversas situações.

«Ascensão do Quadrado Verde» é um exemplo paradigmático de um interesse renovado por soluções próximas do cubismo, escapando novamente ao seu convencional imobilismo, como o próprio título do quadro sugere, pelo ritmo ascensional que é dado na articulação dos elementos formais.



25. Pintura, c. 1917.

26. Pintura (Coty), c. 1917.

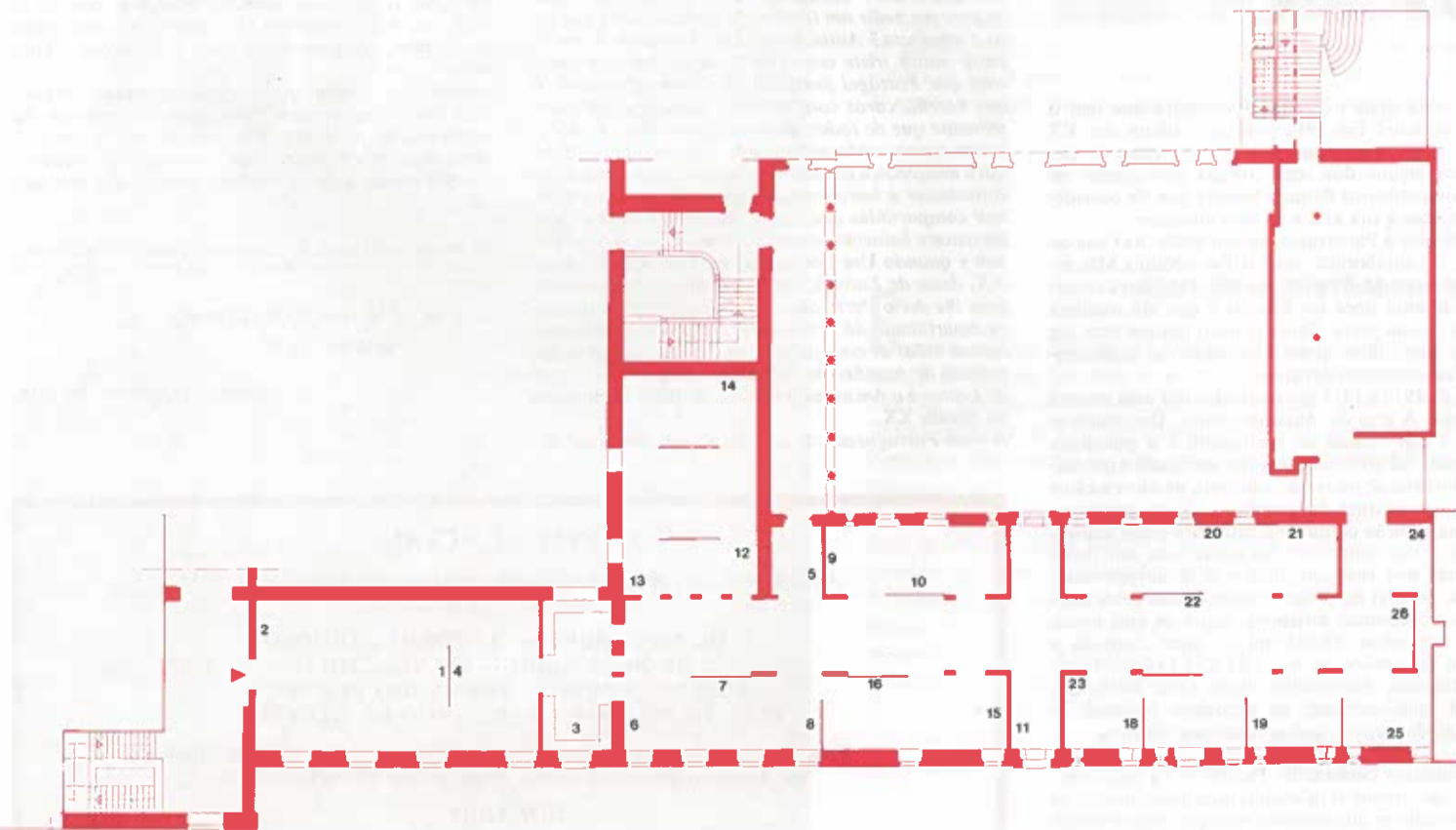
Um conjunto de telas que correspondem ao último período da actividade artística de Amadeo, surge-nos inquietante de força, e de irresistível sedução. Aqui se concentra e excede um percurso veloz, feito de ritmos cruzados e das sucessivas (des)construções do próprio gesto de pintar.

Acumulando e dessacralizando referências, Amadeo recria um universo de citações, absurdo e irónico, onde as diferentes técnicas, matérias e espessuras se combinam num mesmo espaço. Colagens de objectos inúteis — ganchos de cabelo, fósforos, espelhos partidos —, a descarada ironia aos discos órficos, com insectos dentro, e ainda palavras, letras ou algarismos dispersos, inutilizam o esforço de uma leitura, despistando os sentidos ou evidenciando um «non-sense», no abandono lúdico destas absurdas engrenagens.

Atitude dadaísta, no culminar de uma solitária pesquisa pictórica, essencialmente emotiva, mas nem por isso menos consciencializada, já que os pressupostos teóricos, podem também ter a sua exacta equivalência plástica.

Maria Helena de Freitas  
Maria do Céu Baptista

PLANTA DA EXPOSIÇÃO



# AMADEO DE SOUZA-CARDOSO

## — A ÂNSIA DE CRIAR

Amadeo de Souza-Cardoso nasceu a 14 de Novembro de 1887 em Manhufe, perto de Amarante, onde teve lugar quase toda a sua curta vida, exceptuando os oito anos que passou em Paris, mesmo estes interrompidos por férias vividas em Portugal ou viagens pela Bélgica e Espanha. Era originário de uma respeitável família de ricos proprietários com explorações de vinho, e nada levava a crer que, deste meio eminentemente tradicionalista e burguês, sairia um pintor que ficaria ligado a todos os movimentos não conformistas deste século e que se colocaria entre os jovens vanguardistas criadores do seu tempo.

Na sua juventude, no meio dos seus numerosos irmãos e irmãs, primos e primas, ele conheceu aquilo a que mais tarde chamaria o «encanto da família». O seu talento manifestou-se precocemente. Aos dez anos, em duas portas dum armário da sala de jantar de Manhufe — onde ainda podem ser vistos — pintou dois Pierrrots, um debruçado sobre uma caixa de bolachas, aberta, o outro tocando piano. Mostrou-se particularmente dotado para a caricatura, o que indicia já nele qualidades de observação e de crítica irónica. As suas fortes tendências para o desenho afirmaram-se na adolescência, tal como as suas aspirações para conhecer algo mais para além do horizonte restrito da propriedade de Manhufe.

Seu pai, José Emygdio de Souza-Cardoso, homem viajado e dotado de um espírito aberto, inspirava em Amadeo, que o tratava por «o Senhor», um sentimento de profundo respeito. Mas foi o seu tio materno, Francisco Ferreira Cardoso (o nome Cardoso é comum ao lado materno e ao paterno), que o jovem escolheu para confidente; o «tio Chico» foi o primeiro a descobrir os dons artísticos do sobrinho, nunca deixando de os encorajar e desenvolvê-los. Também na Quinta de Manhufe, existia a chamada «Casa do Ribeiro», onde o tio vivia com sua Mãe, portanto avó de Amadeo, à qual este estava sentimentalmente muito ligado. Com este homem culto, formado em Direito, que tinha conhecido outros países além do seu, bem relacionado com artistas e homens de Letras do seu tempo, estabeleceram-se laços, não só de afeição mas também de amizade, quase de cumplicidade. Na Casa do Ribeiro, que possuía uma rica biblioteca, para além das obras de arte que decoravam as paredes, Amadeo sentia-se no seu ambiente: era o seu refúgio predilecto. Embora o tio Francisco fosse pouco expansivo, sentia-se-lhe uma vida interior intensa, com grandes afinidades entre ele e seu sobrinho, apesar das divergências de pontos de vista sobre arte que mais tarde nasceriam. Por volta de 1911 Amadeo afeiçoava-lhe: «As minhas ideias não têm nenhuma relação com a nossa estima, e espero que me julgue sempre bom amigo e grato a toda a afeição e favores que me concede.»

Desde muito jovem, Amadeo era ávido em instruir-se o que conseguia lendo sofredamente. Esta paixão pela leitura durou toda a sua vida: os seus companheiros são unânimes em afirmá-lo.

A família Souza-Cardoso possuía uma casa de férias em Espinho, estância balnear perto do Porto, muito frequentada, tanto pela sua praia como pelo Casino, e particularmente apreciada por visitantes espanhóis. Uma das atracções desta praia era, para os jovens, a chegada do «comboio de Espanha». Foi em Espinho que Amadeo conheceu o médico Manuel Laranjeira e um grupo de intelectuais seus amigos. Em 1905 (ano em que entrou para a Escola de Belas-Artes de Lisboa) Amadeo tinha apenas dezoito anos, mas, fortemente marcada pela influência do seu tio, possuía já uma sólida cultura artística, literária e mesmo musical. Fora por isso aceite e tratado de igual para igual pelos membros do círculo de Laranjeira — Ramiro Mourão, António Carneiro, João de Barros, João de Deus Ramos, entre outros — todos mais velhos, de 5 a 15 anos, que ele. Os amigos reuniam-se no Café Chinez, sito na Avenida de Serpa Pinto, e discutiam apaixonadamente arte, filosofia e literatura.

Amadeo, ligou-se particularmente a Laranjeira, com quem manteve correspondência assídua até à morte prematura do médico e homem de Letras, em 1912. Laranjeira professava uma profunda admiração pelo seu jovem amigo, a quem encorajava a trabalhar, se bem que isso não fosse necessário, pois que um dos traços mais marcantes da personalidade de Amadeo era a sua febre quase obsessiva pelo trabalho. Notar-se-á sempre este frenesim, esta ânsia de criar, este impulso para a frente, mesmo a antecipar-se ao seu tempo, como se pressentisse que a sua vida seria curta. Em várias cartas de 1905 a 1906, Laranjeira diz-lhe: «Vejo que você trabalha [...] encontrei em você um coração leal e sem medo e uma clara e altíssima inteligência. Você há-de vencer, há-de triunfar, estou certíssimo disso.» Novamente, em 1907 escreve: «Você trabalha e vê-se com o desejo e energia exuberante de trabalho. Uma mocidade, e uma mocidade forte, a sua!» E ainda nesse mesmo ano: «Quando há dois anos, mal você balbuciava a linguagem das linhas, o aconselhei a desenhar, a desenhar muito, a desenhar sempre [...] Hoje reconheço com segurança indiscutível que me não enganei.»

Em 1906, Amadeo está em Paris. Atravessa um curto período de incerteza. Sabe agora que não será arquitecto, contra a vontade de seu Pai, desejoso de lhe assegurar o seu futuro. Mas obtém deste — graças ao apoio do tio — autorização para se dedicar livremente... à caricatura. Em 1909, escreve ao tio Francisco: «Lembro-me que esta resolução fora bastante influída por si. Agradeço-lhe muito.»

Nesse mesmo ano, o jovem Amadeo inscreve-se na Academia Viti, onde assiste às aulas de Pintura de Anglada Camarasa, «pintor espanhol muito conhecido». É o momento em que nasce o pintor Amadeo de Souza-Cardoso. A pintura e o desenho serão desde então toda a sua vida. Desenvolve a sua cultura artística. Em Bruxelas, no ano de 1910, entusiasma-se pela escola flamenga. Compra numerosos livros de arte — tal como fazia no Porto, na Livraria Portuguesa — Editora, 55, Largo dos Loyos — dedicados a mestres de diversos países: De Hooch, Vermeer, Giotto, Fra Angelico, Rembrandt, Benozzo Gozzoli, Velázquez, etc., e ainda de uma edição dos desenhos da Albertina de Viena. A sua biblioteca enriquece-se com obras de autores franceses, que lê na língua original: Flaubert, Balzac, Gide... e também de grandes poetas. Sempre na sua maneira de ser, a ânsia de enriquecer o seu espírito, de trabalhar, de criar. Assombrosa transformação a deste rapaz que, em 1908, em Paris, se julga destinado à caricatura, e que se revela brusca e, em 1911, um extraordinário desenhador, e se afirma também como pintor, expondo no Salon des Indépendants, o quadro *Os Galgos*.



«Os Galgos», c. 1911.

Agora, nada mais o detém. Presentirá que tem o tempo contado? Em 1912 publica o álbum dos *XX Dessins*. Já havia espaçoado ou cortado mesmo as relações com alguns dos seus colegas portugueses de Paris, companheiros de uma boémia que ele considerava prejudicial à sua arte e às suas ambições.

Em Manhufe, o Pai arranja-lhe um *atelier* na Casa do Ribeiro, em colaboração com o Tio. «Minha Mãe escreveu-me ontem; dizia-me que meu Pai estava encarregado de uma obra no Ribeiro e que até recebera dinheiro da sua parte. Falo-lhe nisto porque uma vez mais lhe quero dizer quanto reconheço as suas atenções e favores para comigo.»

Os anos de 1912 e 1913 são marcados por uma intensa actividade. A arte de Amadeo evolui. Desviando-se daquilo a que chama «o sentimento e a psicologia romanesca» tal como do desenho estilizado e decorativo, embrenha-se na via do cubismo, da abstracção e mesmo do futurismo. Enquanto os artistas portugueses da sua geração continuam cativados pelos impressionistas, ou se contentam, nas academias, com lições de mestres que ensinam uma arte já ultrapassada, Amadeo, homem do presente, interessa-se pelos mais recentes movimentos artísticos. Entre os seus novos amigos contam-se Modigliani (a quem convida a expor no seu *atelier*, no n.º 3 da Rua Colonel-Combes), Brancusi, Archipenko, Juan Gris, Delaunay, Boccioni (que conheceu na exposição futurista de 1912) e ainda outros, que se tornaram célebres.

Tal como Braque, a princípio revoltado com os primeiros quadros cubistas de Picasso («Ta peinture», diria, «c'est comme si tu voulais nous faire manger de l'étoupe ou boire du pétrole»), mas que, pouco tempo depois, expunha uma grande tela cubista no Salon des Indépendants, também Amadeo começa por detestar o que mais tarde vai adorar. «Tenho progredido con-

sideravelmente.» Nada tem que ver a minha maneira de sentir com futuristas ou cubistas e se alguma coisa tem é a justificação precisa do contrário [...] O futurismo é um truc charlatão sem sensibilidade nem cérebro, camelote do cubismo; o cubismo uma caligrafia mental e literária.» O que não o impedirá, três anos mais tarde, de aderir, totalmente às declarações dos manifestos futuristas, que mandará emoldurar e colocará bem em evidência no seu *atelier* da Casa do Ribeiro.

Em 1912, expõe novamente no Salon des Indépendants, e depois no Salão de Outono. Por esta altura, torna-se amigo de Walter Pach, artista americano que encontrara em casa de Brunelleschi, o qual muito apreciara as pinturas de Amadeo enviadas aos Salões. Por intermédio de Pach, é convidado a expor no Armory Show, manifestação que se realizará em 1913 em Nova Iorque. Então, graças às suas relações com Sonia e Robert Delaunay, participa na exposição colectiva do *Herbstsalon* (Salão de Outono) na Galeria Der Sturm de Berlim; expõe aí três quadros intitulados *Gemälde A*, *Gemälde G* e *Der Athlet*.

Quando enviou ao seu tio a fotografia deste último quadro, Amadeo fará notar com um certo espanto: «É em todo o caso curioso pelo gigantesco, por um quer que seja de arquitectura atlética.» Numa outra carta, antes de partir para Portugal, repete que trabalha, e acrescenta: «Porque me parece que cada vez me ignoro mais a mim mesmo.» São propósitos estranhos, que mostram ao artista uma espécie de desdobração, como se assistisse à revelação de si próprio e entresse em si potencialidades inesgotáveis. No decurso dos anos 1913 e 1914 dedica-se a experiências e emprega a técnica pontilhista. Tudo lhe serve como tema de exploração: paredes, formas vagas e, mais especialmente, as pontes — estas últimas, talvez, pelo seu sentido simbólico de passagens conduzindo para o além.

Em 1914, declarada a guerra, regressa com a sua jovem esposa, Lúcia, instalando-se em Portugal, na grande casa quase senhorial de Manhufe. Diariamente, para pintar, dirige-se ao seu *atelier* da Casa do Ribeiro. Daí, mantém uma correspondência assídua com Robert e Sonia Delaunay, instalados igualmente em Portugal, em Vila do Conde e Valença do Minho, onde permanecerão entre 1915 e 1917. «Je travaille comme un animal», escreve ele, «je travaille vertigineusement». Em quase todas as suas cartas aparece como *leit-motiv* a palavra «travail». Chega mesmo a compor um desenho.

Nos finais de 1915, apesar dos projectos para as «expositions mouvantes» e de «Corporation Nouvelle» elaborados com os seus amigos, Amadeo sente a nostalgia de Paris, e confia a Robert Delaunay: «Je travaille mais j'en ai assez de la vie aux champs.» Porém, em Novembro de 1916, organiza no Porto a

primeira exposição individual, com todas as obras que criou e executou em dois anos: 84 pinturas a óleo e a cera, 19 aguarelas e 11 desenhos. Esta exposição, a mais importante manifestação de arte moderna portuguesa na época, coloca-a sob o signo, então insólito, do «abstracionismo». A crítica local e a opinião pública explodem.

Tudo irritava os visitantes: os títulos das obras, as formas abstractas, o cubismo, o futurismo... e até mesmo os preços. Transferida para Lisboa, no mês de Dezembro, nos salões da Liga Naval, a exposição levanta o mesmo escândalo. Amadeo fica encantado. O pintor e poeta José de Almada Negreiros dá em sua honra um jantar memorável, no qual participam, entre outros, o poeta Fernando Pessoa e o compositor Ruy Coelho.

O artista pensa então mostrar as suas obras em Nova Iorque como Walter Pach, com quem sempre manteve correspondência, lhe propõe. Durante o mês de Novembro de 1916 escreve a este amigo para contar o «succès retentissant, sensationnel, inattendu» da sua exposição que «sans exagération, a remué toute une population». E termina com estas palavras: «Vouez ne vous imaginez pas combien d'espoirs de jeunesse je dépose entre vos mains... Je compte partir (pour Paris) le 3 janvier au plus tard, au plus tard.»

De facto Amadeo não fará esta viagem nem em 1917 nem em 1918. São 2 anos decisivos de guerra. O armistício assinado pela Rússia em revolução, a entrada dos Estados Unidos no conflito, a guerra submarina intensa e, ainda, os alemães a menos de setenta quilómetros de Paris... Os tempos não são favoráveis a actividades intelectuais, e a maior parte dos artistas e escritores franceses estão na frente. Compreende-se que Amadeo, cedendo aos pedidos da família, tenha ficado em Portugal.

Mas nem o destino nem as epidemias conhecem fronteiras. A 25 de Outubro de 1918 Amadeo de Souza-Cardoso morre em Espinho com a gripe espanhola. «Cette carrière fulgurante», escreveu Jean Cassou, «achevée à trente et un ans, est riche de toutes les plus véhémentes inquiétudes du temps... Frémisante d'impatience et d'exubérance, elle est la jeunesse même dans une extraordinaire époque qui fut une époque de jeunesse... Souza-Cardoso et son oeuvre vivent désormais dans le strict royaume de la révolte et de l'espoir, dans l'âge de la jeunesse.»

Paulo Ferreira

## EXPOSIÇÃO amadeo de souza cardoso

### LIGA NAVAL DE LISBOA

Em Portugal existe uma única opinião sobre Arte e abrange uma tão colossal maioria que receio que ella impere por esmagamento. Essa opinião é a do Ex.<sup>mo</sup> sr. dr. José de Figueiredo (gago do governo).

Não é porque este snr. tenha opinião nem que este snr. seja da igualha do resto de Portugal mas o resto de Portugal e este senhor em materia de opinião são da mesma igualha. Um dia um senhor grisalho disse-me em meia-hora os seus conhecimentos sobre Arte. Quando acabou a meia-hora descobri que os conhecimentos do senhor grisalho sobre Arte eram os mesmos que o Ex.<sup>mo</sup> senhor Dr. José de Figueiredo usava para me pedir um tostão. (1) Pensa o leitor que faço a anedocta? Antes fôsse. Mas a verdade é que eu estou muito triste com esta furia de incompetencia com que Portugal participa na Guerra Europeia. E que horrór, caros compatriotas, deduzir experimentalmente que de todas as nossas Conquistas e Descobertas apenas tenha sobrevivido a Imbecilidade. E da-quei a indifferença espartilhada da familia portugueza a convalescer á beira-mar. Algumas das raras energias mal comportadas que ainda assômam á tóna d'água pertencem halucinadamente a seculos que já não existem e quando um Portuguez, genialmente do seculo XX, desce da Europa, condoindo da patria entrévada, para lhe dar o Parto da sua Intelligencia, a indifferença espartilhada da familia portugueza ainda não deslaça as mãos de cima da barriga. Pois, senhores, a Exposição de Amadeo de Souza-Cardoso na Liga Naval de Lisboa é o documento conciso da Raça Portugueza no Seculo XX.

A raça Portugueza não precisa de rehabilitar-se, co-

mo pretendem pensar os tradicionalistas desprevenidos; precisa é de nascer pró século em que vive a Terra. A Descoberta do Caminho Maritimo prá India já não nos pertence porque não participamos d'este feito fisicamente e mais do que a Portugal este feito pertence ao seculo XV.

Nós, os futuristas, não sabêmos Historia só conhecêmos da Vida que passa por Nós. Elles teem a Cultura, Nós temos a Experiencia — e não trocâmos!

Mais do que isto ainda Amadeo de Souza-Cardoso pertence á Guarda Avançada na MAIOR DAS LUC-TAS que é o Pensamento Universal.

Amadeo de Souza-Cardoso é a primeira Descoberta de Portugal na Europa no seculo XX. O limite da Descoberta é infinito porque o sentido da Descoberta muda de substancia e cresce em interesse — por isso que a Descoberta do Caminho Maritimo prá India é menos importante que a Exposição de Amadeo de Souza-Cardoso na Liga Naval de Lisboa.

Felizmente pra ti, leitor, que eu não sou critico, razão porque te não chateio com elucidações da Arte de que estás tão longinquamente desprevenido; mas amanhã, quando já soubêres que o valor de Amadeo de Souza-Cardoso é o que eu te digo aqui, terás remorsos de o não têres sabido hontem. Portanto, começa lá hoje, vae á Exposição na Liga Naval de Lisboa, tápa os ouvidos, deixa correr os olhos e diz lá que a Vida não é assim?

Não esperes, porém, que os quadros venham ter contigo, não! Elles teem um prégo atraz a prendê-los. Tu é que irás ter com elles. Isto leva 30 dias, 2 meses, 1 anno mas, se tem prazo, vale a pena sêres persistente porque depois saberás tambem onde está a Felicidade.

(1) Rectifico: — O Exmo. Snr. Dr. José de Figueiredo veio á ultima hora substituir no original um Exmo. Snr. que tem por habito pedir-me tostões.

José de ALMADA NEGREIROS  
Poeta Futurista

Lisboa, 12 de Dez. de 1916.

## CONFERÊNCIAS

As Conferências realizam-se às 16 horas e serão seguidas de uma Visita Guiada à Exposição

21 DE NOVEMBRO — ANTÓNIO CARDOSO  
28 DE NOVEMBRO — SYLVIA CHICÓ  
5 DE DEZEMBRO — FERNANDO PERNES  
12 DE DEZEMBRO — FERNANDO DE AZEVEDO

Esta Exposição encontra-se aberta ao público no Museu Municipal de Amadeo de Souza Cardoso até ao dia 13 de Dezembro

### HORÁRIO

Todos os dias das 10.00 às 12.00h e das 15.00 às 18.00h